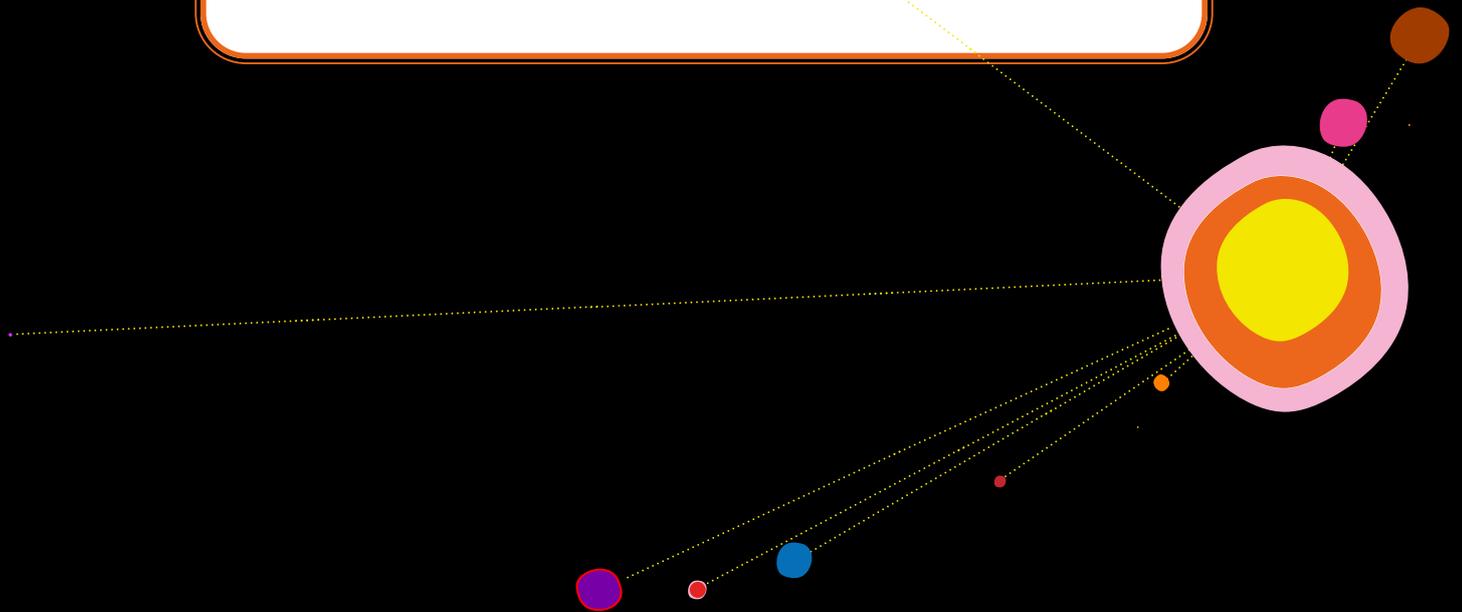
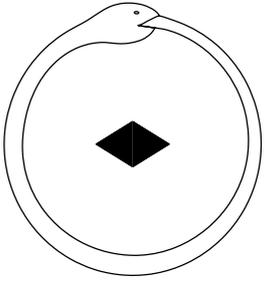


O CÉU DESSA NOITE
Júlia de Carvalho Hansen



cadernos
SELVAGEM



O CÉU DESSA NOITE

Júlia de Carvalho Hansen

Este caderno foi elaborado a partir da fala de Júlia de Carvalho Hansen sobre o Sol, gravada no dia 24 de abril de 2024, às 20h15, no Teat(r)o Oficina Uzyna Uzona, em São Paulo. Júlia leu o céu dessa noite e sua visão do Sol na astrologia compõe o filme O recado do Sol. O evento contou ainda com falas de Eduardo Góes Neves, José Miguel Wisnik, Camila Mota e Cafira Zoé, convidados a se alinharem no teatro como Terra, Saturno, Vênus e Plutão. Júlia de Carvalho Hansen, nesta trilha de planetas, foi Júpiter. A fala de Júlia, além dos demais convidados da noite, pode ser [acessada aqui](#) como parte do Ciclo Sol, que conta com 17 narrativas.

Este é aquele momento em que eu finjo uma extrema naturalidade de terem me dito que sou Júpiter esta noite. E ainda estou pisando neste espaço absolutamente sagrado – sem ser sagrado – que é também profano nesta cidade de São Paulo e que é o Teatro Oficina.

Eu vou começar falando sobre o céu desta noite, sobre as posições astrológicas do momento de hoje. Aliás, deste nosso momento agora. O que é importante aqui? Sempre que vocês verem a roda de um mapa astral saibam que a linha do ascendente é a linha do horizonte da Terra naquele momento e lugar. E o signo que está ascendendo no horizonte Leste neste momento é o signo de Sagitário. Isso nos leva a perceber, digamos, para este momento, essa espécie de sensação de que a gente está numa mistura entre uma aventura e uma experiência. Se a gente estivesse lá fora, a gente veria a Lua em Escorpião um pouco mais acima da linha do horizonte. E isso, como a Lua cheia se deu ontem, quer dizer que o Sol está ali embaixo. Mas eu já chego ao Sol. O astro-sempre que é o astro de hoje.

Antes disso, eu acho que pode ser interessante também dizer que aqui, mais ou menos nesta linha, a gente tem uma conjunção de Júpiter e Urano, que aconteceu em graus exatos uns três dias atrás. A última

vez que essa conjunção tinha acontecido nesse mesmo signo, Touro, foi lá em 1941. Mas não, a gente não está vivendo novamente os anos 40, embora haja alguma semelhança, há muita diferença e isto também no céu. É só uma outra forma de viver isso. E essa conjunção talvez esteja dizendo para muita gente de uma espécie de determinação que o signo de Touro aponta, com as questões da Terra. Júpiter fala de expansão, Urano de inovação e os dois se encontram no primeiro dos signos do elemento Terra. Vocês sabem, é da Terra que precisam vir as inovações que a gente precisa. Nas vidas mais individuais talvez vocês estejam sentindo uma espécie de mistura ambígua entre a estagnação e a necessidade de encarar repentinas novidades, alguns imprevistos desagradáveis, são forças de mudanças que podem estar aparecendo com mais evidência nos últimos dias.

E eu prometi para Saturno, meu querido José Miguel Wisnik, que falaria que Saturno está nesse momento cravado aqui muito perto do fundo do céu, embaixo dos nossos pés, muito perto do eixo da meia-noite, também no mapa astral deste momento. A gente conta com essa força de Saturno nos enraizando neste momento.

E o protagonista da nossa noite: o Sol? Neste momento, ele está no início do signo de Touro convivendo com uma quadratura de Plutão. E talvez por isso também nesses últimos dias vocês estejam sentindo simultaneamente muito medo dessa potência de sombra que um canto, por exemplo, como do Papá¹, traz como uma força de revelação que transforma. A quadratura de Sol e Plutão acaba trazendo um momento assim, essa ambivalência entre a força daquilo que tem que se transformar, morrer, se desfazer e o que pode se abrir para o Sol de um novo momento. Tudo denso – e tudo em metamorfose.

Quando eu trago o protagonismo do Sol, eu logo acho totalmente fundamental dizer que essa astrologia que a gente nomeia com esses planetas greco-romanos é uma astrologia entre muitas. É óbvio o que eu estou dizendo, mas a espécie humana elaborou muitas formas de simbolização e de interpretação cosmogônicas do zodíaco e ainda de zodíacos diferentes. E essa, especificamente, tem uma relação absolutamente coordenada com a força do Sol.

1. O canto de Carlos Papá abriu a noite de falas no Teatro Oficina e pode ser ouvido [aqui](#).

Por que isso é assim? Como vocês provavelmente sabem, isso que a gente chama de astrologia no Brasil hoje, ou a astrologia mais praticada no Brasil, tem uma origem geográfica e histórica. Não existe um consenso exato de qual é a datação dos primeiros registros do que é a astrologia. Alguns historiadores e arqueólogos vão dizer que datam de 6 mil anos antes de Cristo os primeiros objetos que representariam a gênese desse sistema astrológico. Outros vão dizer 2 mil anos antes de Cristo. E esse consenso não existe e provavelmente não existirá. Mas o que a gente sabe como um consenso é a região em que essa astrologia surge, que é aquela região entre o Rio Tigre e o Rio Eufrates, ali entre o Egito e a Mesopotâmia. Depois, essa região traz toda uma confluência do que vai vir a ser o mundo grego e romano, tanto que os planetas têm os nomes desses deuses.

E o que importa nisso e qual é a relação disso com o Sol? Como vocês podem ter visto em livros de história demasiadamente europeus, essa região é chamada – de forma, digamos, bastante europeia e colonialista de ver a civilização humana – de o “crescente fértil”. Embora seja um termo muito datado, é uma expressão que eu acho lindíssima. Pensar que há uma região que é chamada de o “crescente fértil”, porque tem uma confluência de dois rios, o Tigre e o Eufrates, uma terra extremamente fértil e que, certamente, foi um dos berços da agricultura no mundo. Por essa região ter tido essa fundamentação de uma forma de vida agrícola, o sistema astrológico está totalmente relacionado às fases do Sol ligadas à agricultura. Quer dizer, essa astrologia e o cultivo agrícola estão interligados.

Isso se demonstra como? O signo de Áries, por exemplo, que é o primeiro, o Carneiro, é o início da primavera nessa região, no hemisfério Norte. Então, basicamente, todas as sínteses que podemos ter sobre Áries têm a ver com esse momento em que o Sol, por uma relação entre Sol e Terra, começa a ter uma inclinação e uma incidência diferentes. O calor começa a aparecer e com isso coisas brotam da Terra, as ervas eclodem, a vida começa a retornar. E, por isso, o signo de Carneiro tem a ver com esse primeiro impulso. Um Sol em Áries nunca tem a ver com a duração ou manutenção das coisas, mas com esse primeiro ímpeto do retorno da força, da força desse Sol. A faísca do fogo: o começo.

Passados milênios, para estudar os signos funciona didaticamente atravessar toda a roda do zodíaco em comparação com fases agrícolas. Fazer a travessia de toda a roda dos signos não cabe no tempo hoje aqui, mas, como outros exemplos, a gente pode pensar no signo de Gêmeos. Como signo de qualidade Mutável, em Gêmeos se apresenta uma transição. Ele é o fim da primavera e quase o verão. Isso coincide com uma característica do signo de Gêmeos que é a dispersão. A gente pode pensar numa imagem muito simples, um momento em que os insetos e as abelhas polinizam as flores que ganharam vigor absoluto no fértil e estável signo de Touro. Isso é uma imagem perfeita para o signo de Gêmeos. Como uma abelha polinizadora, as pessoas de Gêmeos pegam as informações de um lado e levam para o outro, criando outros códigos de correspondência. Depois, por exemplo, a gente pode chegar no signo de Virgem, outro signo Mutável. Virgem é o signo que representa o fim do verão. O que isso tem a ver com o signo de Virgem? O fim do verão é o momento em que grandes colheitas são feitas, e é preciso selecionar o que foi colhido, inclusive salvando os melhores grãos para o futuro plantio. Então, o signo de Virgem vai estar muito associado a esse momento de uma sabedoria prática: em breve haverá escassez da luz solar e, portanto, é preciso trabalhar num selecionamento do que vai ser alimento para esse longo período de inverno. E aí, para caber mais um, eu ainda pensaria em Capricórnio, que é o meu signo solar. Sendo o primeiro signo do inverno, é aquele momento em que se sabe que a Terra não vai dar nada. Então, Capricórnio faz o quê? Trabalha pelas estruturas. Capricórnio tem até mesmo que criar as regras de funcionamento para que seja possível sobreviver a dureza do inverno e chegar de novo à primazia de Áries. Então, como vocês provavelmente – espero – entenderam dessa parte da minha fala, o Sol realmente tem uma figuração central, não só enquanto planeta simbólico neste sistema, mas na estruturação do zodíaco dessa astrologia.

Como vocês sabem, a astrologia foi uma prática expulsa do mundo universitário há muitos séculos, e isso fez com que a astrologia tenha dois grandes problemas que sempre me apaixonam. Num primeiro lugar, uma falta de legitimidade universitária, acadêmica, intelectual, que cria uma série de problemas, e inclusive vai dar nas mais diversas

discussões de a taxarem de pseudociência e etc. Mas isso também deu à astrologia liberdade, uma autonomia intelectual maravilhosa. Em segundo lugar, os astrólogos estão sempre fundamentando essa prática como se fossem a primeira pessoa que a estivesse praticando. O gênero mais comum de texto nos livros de astrologia são os manuais. E por quê? Porque você tem sempre que começar de novo. Mesmo que existam escolas e trocas, discussões e acúmulos de conhecimento, um astrólogo acaba sempre falando como a primeira pessoa, como alguém que está buscando uma legitimidade para aquela prática que ele estuda, ensina e aprende.

E isso também faz com que existam versões muito próximas, mas, às vezes, muito distintas sobre uma mesma coisa. E, por exemplo, quando a gente pensa no Sol astrológico, no que ele significa, é como se a gente fosse ter muitos textos, sobretudo de uma astrologia medieval, em que o Sol é associado a figuras de poder. E, nessas figuras de poder, temos, por exemplo, a figura do rei ou de um grande senhor dono de terras. É toda uma noção de sujeito anterior à noção que temos. Então, você vai ter análises, digamos assim, de que o Sol é muito mais pensado como o governante de um sistema comum. Por exemplo, se algo acontece no céu e que fere o Sol, fere o rei. Se fere o rei, todo o sistema desaba. Então, isso é um risco problemático. Ou não, né? É a revolução.

Como vocês sabem, existe muito essa associação até na figura, por exemplo, do Luís XIV, do Rei Sol, e isso vai ganhando protagonismo. Ao mesmo tempo, é muito interessante como, quando há uma passagem para a modernidade, talvez por ser uma prática aberta, a astrologia acompanha o pensamento coletivo, no sentido de que o Sol se desloca um tanto de ser o protagonista de autoridade governante de sistemas maiores e o Sol vai ser aplicado à representação da noção de indivíduo. Junto com o protagonismo do indivíduo moderno, o Sol astrológico ganha destaque. O Sol é o centro e o que ele significa, digamos assim, se desloca para esse código-formato de entendimento do que seria o ser. E aí, no século XX, acontece toda a aproximação da astrologia e da psicologia. Certamente a astrologia não teria sobrevivido se os psicólogos no século XX não tivessem se interessado por ela e, acredito que ainda mais, se os astrólogos não tivessem se interessa-

do pela psicologia e mesclado o que praticavam com as escolas mais contemporâneas ao seu tempo. Talvez a astrologia tivesse sobrevivido através das práticas místicas, mas não teria se fortalecido e mantido da mesma maneira.

Voltando, essa figura de força da energia solar vai ganhando um caráter de representar o indivíduo. Tanto que, vocês sabem, se me perguntam qual é o meu signo, a minha resposta imediata é o meu signo solar. O meu signo solar é Capricórnio, eu sou capricorniana. Mas já volto a isso. Nos manuais de astrologia do século XX, chamados, muitas vezes, de astrologia moderna pelos astrólogos tradicionais, é possível delinear como se o Sol fosse ter basicamente três visões sobre qual o seu significado dentro do sistema astrológico ou, melhor, dentro do mapa de cada indivíduo. E essas três visões, elas não são necessariamente antagônicas, mas, muitas vezes, são díspares e, sobretudo, interligadas aos modos de entender o que seria o indivíduo. Em que sentido? É quase como se, por trás dessas visões, existissem os pressupostos desses astrólogos, desses pensadores, sobre o que é o indivíduo.

O que eu quero dizer? Uma primeira noção é a de que o Sol seria o ser, um ser em essência. Então, por exemplo, já que sou capricorniana, um signo regido por Saturno, eu nasci velha, ranzinza e responsável. Ser assim sou eu. Isso seria uma visão do Sol enquanto uma figura de essência. Há um pressuposto aí que é o de que o ser, as coisas, os humores, as personalidades existem em si no ser. Uma outra visão muito usada sobretudo pelo viés da psicologia junguiana seria a ideia de que o Sol é o herói. Isto é, se remete ao caminho do herói, toda a noção do Joseph Campbell, de que você vai ter que trilhar na tua vida uma autodescoberta a respeito de si e que isto seria, de fato, o seu caminho formativo e, portanto, de si. Nesta visão, o Sol simboliza uma espécie de conquista desse sujeito. Além de eu achar essa ideia bastante imperialista, de você imaginar que o sujeito teria um protagonismo dessa ordem de fazer as escolhas prevalecerem sempre na direção de si, ela, ao mesmo tempo, é uma ideia interessante, porque é como se o Sol, no mapa, pudesse falar da construção de um caráter, praticamente das escolhas que levam ao caráter de um personagem mítico. E o que eu quero dizer? Se você tiver um Sol de casa 5 no signo de Touro, uma colocação que fala de prazer,

é possível que você tenha um caráter mais macunaímico, do que se você tiver um Sol na casa 10, que é uma casa de protagonismo, é aí possível que seu caráter seja mais parecido com o do Mick Jagger. Assim, o dia em que você se descobrir cantando num palco, estará realizado. Então, o Sol também tem essa força de significar uma representação de caráter no mapa. E existe também uma terceira visão comum em alguns livros de astrologia do século XX de que o Sol seria uma espécie de devir, no sentido de algo que uma pessoa busca e não busca, e, nesse sentido, seria mais um tornar-se, um transformar-se. Talvez, o único consenso que exista em todos os livros de astrologia, que eu conheço, pelo menos, é sobre o que é o caráter solar. Esse consenso diz que ele é o núcleo de energia. Sendo esse núcleo de energia, é ele que transmite toda a força para esse sistema. Fala, portanto, de energia vital e, também, de saúde.

Só que, talvez, a coisa mais importante de todas seja entender o que a Catarina Aydar² falou, em palavras melhores do que as minhas, de que é um ponto. É como se o Sol nos lembrasse também no nosso mapa astral de que ele é um ponto interrelacionado com uma série de coisas, e que, quando a gente responde “qual é o seu signo?”, “meu signo é o meu Sol”, isso é quase que um erro, porque, na verdade, o teu signo é todo o teu mapa, toda a dinâmica intrincada nele. O teu signo é, por meu exemplo, um Sol em Capricórnio com o ascendente em Peixes e ainda uma sextilha entre o Sol e esse ascendente que, por sua vez, é quadrado por Vênus e recebe um trígono de Saturno. Se eu fosse nomeando todo um mapa, todo o meu mapa ou todo o mapa de alguém aqui, seria um texto de, sei lá, 30, 50 páginas de referências.

Agora, o mapa, por ser uma imagem de códigos condensados, não precisa desse texto que o desdobra. O mapa é o texto em síntese codificada. O que é também mágico nesse sistema que eu estudo há muitos anos é a concisão desse código. E o Sol é o centro da concisão desse código, uma imagem que você consegue desdobrar a partir dessa força de coesão simbólica. E como o Sol irradia, é ele que determina como as outras coisas se ligam ao redor.

2. A fala da astrofísica Catarina Aydar também integra o Ciclo Sol e foi exibida como abertura da noite de conversas em que falou Júlia. O vídeo de Catarina pode ser [acessado aqui](#).

JÚLIA DE CARVALHO HANSEN é poeta e astróloga. É formada em Letras pela Universidade de São Paulo, é mestre em Estudos Literários pela Universidade Nova de Lisboa. Como poeta, publicou livros como *Seiva veneno ou fruto* (2016) e *Romã* (2019), publicados pela Chão da Feira. Como astróloga, tem um consultório em São Paulo há dez anos, onde pratica leituras e consultas astrológicas.

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem. A direção editorial é de Anna Dantes, a coordenação é de Alice Faria. A diagramação é de Tania Grillo. Mais informações em selvagemciclo.com.br

Todas as atividades e materiais do Selvagem são compartilhados gratuitamente. Para quem deseja retribuir, convidamos a apoiar financeiramente as Escolas Vivas, uma rede de 5 centros de formação para a transmissão de cultura e conhecimentos indígenas. Saiba mais aqui: selvagemciclo.com.br/colabore